

As fronteiras do discurso outro: o papel da memória em processos de modalização autonímica de empréstimo

Evandra Grigoletto¹

Fabiele Stockmans De Nardi²

Resumo: Neste artigo, debruçamo-nos sobre um corpus constituído pelas retomadas que se produziram em torno do enunciado “Não vamos desistir do Brasil” e da expressão “la Suíza de América”, para observar o funcionamento de formas de modalização autonímica de empréstimo (aspas e alusão). Nosso ponto de partida são as discussões acerca da representação do discurso outro (RDA/Authier-Revuz), que colocamos em diálogo com as noções de condições de produção e memória (Pêcheux). As análises apontam para a vinculação dessas formas ao trabalho da memória discursiva, que determina o modo como uns sentidos vão se cristalizando em detrimento do apagamento de outros.

Palavras-chave: Memória. Alusão. Discurso outro. Empréstimo.

Abstract: In this paper, we analyze a corpus consisting of segments that recover the enunciation "Não vamos desistir do Brasil" ("Let's not give up on Brazil") and the expression "La Suíza de América" ("The Switzerland of America"), in order to observe how the forms of autonymic modalization of borrowing (quotation marks and allusion) function. Our starting point is in the discussions about representation of the other's discourse (RDA/Authier-Revuz), which we articulate with the notions of conditions of production and memory (Pêcheux). The analysis indicates the interconnection between these forms and the workings of discursive memory, which determines in what manner some meanings are crystallized while others are erased.

Keywords: Memory. Allusion. The other's discourse. Borrowing.

Résumé: Dans cet article, nous analysons un corpus de reprises des formules «Nous n'abandonnerons pas le Brésil» et «La Suisse de l'Amérique», afin d'observer le fonctionnement des formes de modalisation autonymique d'emprunt (guillemets

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil (2005), é Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, onde atua nos cursos de Graduação e Pós-Graduação.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil (2007), é Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, onde atua nos cursos de Graduação e Pós-Graduação.

et allusion). Tout en nous basant sur la théorie de la représentation du discours autre (RDA/Authier-Revuz), nous verrons qu'il en découle une interaction avec les notions de conditions de production et de mémoire de l'Analyse du Discours (Pêcheux). Les résultats font apparaître un lien entre ces formes et le travail de la mémoire discursive. Ce lien conditionne la façon dont certains sens se cristallisent au détriment des autres.

Mots-clefs: Mémoire. Allusion. Discours autre. Emprunt.

1 A cena política de Brasil e Uruguai em análise: considerações acerca das condições de produção do *corpus*

Para pensar o modo como funcionam, no campo da representação do discurso outro, as formas de modalização autonímica de empréstimo, em sua relação com a memória discursiva, elegemos trabalhar com os discursos que se produziram a partir de dois eventos que marcaram a cena política do Brasil e do Uruguai: 1) a morte do então candidato à presidência do Brasil, Eduardo Campos, em agosto de 2014; 2) o discurso de despedida de José Mujica da presidência do Uruguai, em fevereiro de 2015.

Estamos tomando evento aqui como um fato histórico que tem uma importância para o homem e, dada essa importância, produzem-se acerca dele inúmeros discursos que apontam, por sua vez, para diferentes possibilidades de sentido. Como nos dizem Londei et al (2013, p. 13-14), na apresentação da obra *Dire l'événement: langage mémoire société*,

[...] si “faire l'événement” est “un enjeu des sociétés contemporaines”, c'est cependant le discours qui contribue à construire l'événement, voire le référent de l'événement, en lui donnant un “nom”, et c'est l'objet d'étude privilégié d'une

sémantique discursive qui étudie la façon dont on désigne, on qualifie, on caractérise, on nome les événements³.

Interessa-nos, portanto, justamente o que se constrói no discurso acerca do evento, e o que desse fato produz-se como memória, ora retomando sentidos já-ditos, ora antecipando sentidos a dizer. No caso deste trabalho, não nos interessa a nomeação dos eventos em si, mas um enunciado e uma designação que apareceram relacionadas a esses eventos.

Mais especificamente, partindo desses dois eventos da cena política de Brasil e Uruguai, nosso corpus será constituído pelas retomadas que se produziram em torno do enunciado “Não vamos desistir do Brasil”, proferido pelo então candidato à presidência do Brasil Eduardo Campos, no dia anterior ao seu falecimento, e da designação “Suíza de América”, retomada nos discursos de e sobre Mujica, vistos em retrospectiva, a partir de sua despedida da presidência do Uruguai. Esses fatos históricos dão lugar a uma profusão de discursos que vão se produzindo a partir deles, ou retomam memórias que fazem circular diferentes *formulações* (Cf. PÊCHEUX, 1983b), as quais podem (re)configurar o evento em si. Produzem-se, assim, por um lado, movimentos de cristalização e sedimentação de determinados sentidos e, por outro, silenciam-se tantos outros sentidos possíveis, apagando as contradições inerentes a esses eventos.

Para melhor situar nosso *corpus*, vamos falar um pouco das condições de produção e circulação desses discursos que recortamos como objeto de análise. Iniciemos pelo enunciado “Não vamos desistir do Brasil”.

³ Os grifos são dos autores.

1.1 “Não vamos desistir do Brasil”

12 de agosto de 2014. O então candidato à presidência da República Brasileira pelo PSB, Eduardo Campos, em entrevista ao Jornal Nacional, da Rede Globo de televisão, declara, nos 1,5 minutos finais do seu tempo, quando faz suas considerações finais dirigindo-se ao eleitor brasileiro: “(...) eu quero representar a sua indignação, o seu sonho, o seu desejo de ter um Brasil melhor. **Não vamos desistir do Brasil.** É aqui que vamos criar nossos filhos, é aqui que nós temos que criar uma sociedade mais justa (...)”⁴

13 de agosto de 2014. Na manhã do dia seguinte à entrevista concedida ao Jornal Nacional, Eduardo Campos viajava, acompanhado de assessores de sua campanha, do Rio de Janeiro para Santos, para cumprir agenda política, quando a aeronave em que ele se encontrava arremeteu ao tentar pousar. Em seguida, o avião caiu, por volta das 10h, não restando nenhum sobrevivente.

17 de agosto de 2014. Velório de Eduardo Campos. O enunciado “Não vamos desistir do Brasil” é estampado em diferentes modelos de camisetas, com ou sem o rosto de Campos, e vira slogan de Campanha de Marina Silva, a vice-presidente da chapa do PSB, que, após a morte de Eduardo, passa a ser candidata do partido à presidência. Um desses modelos de camisetas pode ser visto na foto abaixo, sendo usado pelos filhos de Eduardo no momento do velório.

⁴ O vídeo com a entrevista na íntegra está disponível em: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/eduardo-campos-e-entrevistado-no-jornal-nacional/3559937/>



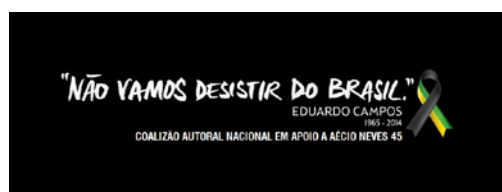
Renata Campos e os filhos do ex-governador, que usavam uma camiseta com o novo slogan da campanha, lançado involuntariamente por Campos durante a entrevista no Jornal Nacional⁵

Dias após. Confirmação do nome de Marina Silva como candidata oficial do PSB à presidência, substituindo Eduardo Campos. Proliferam-se, pelas redes sociais, comunidades, páginas, *hashtags*, etc intituladas “Não vamos desistir do Brasil”. Um exemplo disso é a comunidade “Não vamos desistir do Brasil”, que teve suas primeiras postagens no Facebook feitas em 27 de setembro de 2014, e é assim descrita pelo seu criador: “Essa página, é destinada para Brasileiros e estrangeiros, que **não irão desistir do Brasil** e que não vão permitir que o Brasil se torne uma Cuba.”⁶

⁵ Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/vaias-aplausos-e-emocao-em-um-velorio-politico-2092.html>. A reportagem se intitulava *Vaias, aplausos, comoção em um velório político*, foi assinada por Lino Bocchini e publicada em 17/08/2014, às 21:25. Acesso em 20 fev. 2015.

⁶ Disponível em: https://www.facebook.com/N%C3%A3o-Vamos-Desistir-Do-Brasil-331580670358007/info/?tab=page_info

Campanha do 2º turno das eleições presidenciais. O enunciado vira uma espécie de slogan também da campanha do candidato Aécio Neves, já que Marina Silva não chegou ao 2º turno e apoiou o candidato do PSDB. Exemplo disso é a imagem abaixo, que circulou nas redes sociais, a qual é reforçada por postagens como a seguinte: “Coisa linda, 50.000,00 pessoas na Paulista mostrando para que queremos mudanças, e **não vamos desistir do Brasil.** #foraDilma #Aécio#45 #Confirma” - feita em 25 de outubro de 2014, um dia antes da eleição, na comunidade do Facebook acima referida.



Dias após o resultado da eleição de 2º turno. Dilma Rousseff, do PT, é reeleita para governar o Brasil por mais quatro anos. Enunciados convocatórios como este começam a pipocar nas redes sociais: “*Hoje é dia de pintar a cara, e ir pra Rua. Pois NÃO VAMOS DESISTIR DO BRASIL!* #foradilma #forapt #forapmdb #carapintada #vempraru Paulista às 14 hs.” (Postado em 15 de novembro de 2014).

Primeiros meses do 2º mandato do Governo Dilma. O enunciado não pára de circular, fazendo reverberar sentidos outros. Apenas para citarmos alguns exemplos, elegemos mais duas postagens da comunidade do Facebook já referida:

1) Atenção São Paulo, hoje é dia de ir pra Rua, e mostrar para esses políticos bandidos, que não vamos nos dispersar e **muito menos desistir do Brasil!!**⁷ Então às 15:00 nos encontramos em frente ao

⁷ Os negritos são nossos. As demais marcações são da postagem.

MASP.

#foraDilma #foraPT #chegadeCorrupção #borasacudiromundo Ou ficar à pátria livre, ou morrer pelo Brasil!!!! (Postada em 31 de janeiro de 2015);

2) Amigão, 200 MILHÕES DE DÓLARES... O que era o maior orgulho do Brasil, virou motivo de vergonha. **Mas Não Vamos Desistir do Brasil**, e vamos tirar o PT do poder. #foraDilma #impeachment (Postada em 05 de fevereiro de 2015)

Agosto de 2015, um ano após a morte do candidato. Inúmeras homenagens são prestadas e o enunciado retorna. Traremos aqui apenas dois exemplos dentre os inúmeros discursos que circularam nessa época acerca da morte de Eduardo Campos, juntamente com a comemoração dos 50 anos do seu nascimento⁸.



⁸ Ambos os exemplos foram publicados numa edição especial, do Diário de Pernambuco, datada de 10 de agosto de 2015, intitulada "Eduardo, 50 anos". Disponível em: <http://issuu.com/diariodepernambuco0/docs/especial?e=16557886/14700946#search>. No primeiro exemplo, temos uma homenagem, em forma de campanha publicitária, prestada a Eduardo Campos pelo Real Hospital Português, a qual será retomada nas nossas análises. No segundo exemplo, temos uma foto na qual o enunciado "Não vamos desistir do Brasil", marcado por aspas, aparece inscrito sobre o mapa do Brasil, com uma imagem de Campos o acompanhando. Trata-se de uma edição especial de latas da cerveja Itaipava - empresa que se instalou em Pernambuco quando Eduardo Campos era Governador - em homenagem aos 50 anos de nascimento de Campos e um ano de sua morte.

Essa breve retrospectiva dos fatos e dos discursos aos quais o enunciado “Não vamos desistir do Brasil” está ligado nos mostra um pouco do como esse enunciado, a partir do momento em que foi produzido por Eduardo Campos, vem sendo insistentemente retomado, repetido, (re)produzido, instaurando uma memória, convocando outras memórias “esquecidas”. Assim, se sedimentou/cristalizou um sentido dominante sobre o que é lutar pelo Brasil, por uma “sociedade mais justa”, no dizer de Campos. Mas, sob a aparente unicidade do sentido e de uma memória, outros sentidos e outras memórias se atravessam, apontando para o funcionamento da heterogeneidade⁹.

E esse sentido não poderia ter sido sedimentado se ignorássemos as condições de produção em que o enunciado em pauta foi produzido. Como sabemos, Pêcheux (1969), ao propor a noção *de discurso como efeito de sentidos entre interlocutores*, pensou-a atrelada a outras duas noções: condições de produção e formações imaginárias, as quais colocam em jogo, fundamentalmente, os sujeitos, a situação de enunciação e as projeções dos lugares ocupados por esses sujeitos. Como nos diz Orlandi (2001, p. 30), as condições de produção “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória “aciona”, faz valer, as condições de produção é fundamental.” Orlandi (Op. Cit) considera o contexto imediato, que seriam as condições de produção em sentido restrito, e o contexto sócio-histórico, ideológico, que seriam as condições de produção em sentido

⁹ Retomaremos, no tópico de análise, alguns desses discursos que se produziram acerca do enunciado “Não vamos desistir do Brasil”. Aqui, trabalharemos de modo mais específico com a análise do próprio enunciado e das condições de produção que o cercam. Tal procedimento será repetido quando da observação da designação “Suíza de América”.

amplo. No entanto - embora possamos separar, do ponto de vista metodológico, esses dois contextos - eles não podem/devem ser tomados separadamente no momento de análise, já que o sócio-histórico só é mobilizado a partir do momento em que o discurso é produzido em determinado contexto. Ambos, portanto, são fundamentais para a produção de sentido de um discurso. Vejamos o caso em análise.

O contexto imediato em que o enunciado “Não vamos desistir do Brasil” foi produzido corresponde, como mencionamos no início dessa introdução, ao dia 12 de agosto de 2014, em entrevista concedida por Eduardo Campos ao Jornal Nacional. Esse fato remete, num primeiro momento, a uma convocação ao eleitor brasileiro para votar em Eduardo Campos e, com ele, lutar por um Brasil mais justo. Não fosse a trágica morte do candidato no dia seguinte, esse enunciado, possivelmente, cairia no esquecimento. Mas a entrevista, contexto imediato do dizer, somada à morte do candidato, convoca outros sentidos e o contexto sócio-histórico se torna fundamental para que possamos trilhar a trajetória de sentidos que esse enunciado vem percorrendo. O fato corriqueiro - da campanha política eleitoral - torna-se fato histórico e não só aciona memórias “esquecidas”, como instaura uma memória, a qual passa a fazer parte das condições de produção desse dizer. Ou seja, “Não vamos desistir do Brasil” faz história, inscreve-se na rede de formulações do Enunciado e, a partir daí, produz memória, cristalizando uns sentidos e apagando outros.

A compreensão, portanto, dos modos de circulação de um enunciado como o que estamos analisando está em estreita relação com a recuperação de suas condições de produção, que trabalham sobre a opacidade dessa materialidade produzindo sentidos. Se olharmos para a

materialidade linguística, vamos ver em “Não vamos desistir do Brasil” um funcionamento muito próximo àquele observado por Pêcheux, (1983b) em *On a gagné*, analisado quando da eleição de Mitterrand na França. Também o enunciado atribuído a Campos apresenta-se como materialmente opaco, abrindo espaços de (des)identificação com esse lugar de enunciação que aí se constrói.

O enunciado ora em análise pressupõe uma afirmação anterior que por ele é negada, construindo um lugar para aquele de quem se fala: alguém (um *ele* indefinido) desistiu do Brasil, mas “nós” não o faremos. Esse *ele*, a quem é preciso se contrapor, pode reaparecer como a velha política, o PT, a candidata à reeleição, enfim, como o opositor a quem é preciso fazer frente. Mas quem é esse *nós*?

Zoppi-Fontana (2005), ao falar sobre “a questão dos camelôs” e o modo de designá-los com relação ao espaço da cidade, nos traz interessantes reflexões sobre o funcionamento do ‘nós’ em sua relação com o ‘eu’. Neste trabalho, observa que, no discurso sobre a questão dos camelôs, produz-se um movimento de indiferenciação entre o individual e o universal: ‘eu’ e ‘nós’ são colocados em uma relação de continuidade, encobrindo o processo de exclusão que esse ‘nós’ coletivo comporta do sujeito camelô, designado como um outro, um estranho que esse ‘nós’ não abriga. Ao trabalhar com esse funcionamento, a autora observa que as designações que incluem o ‘nós’ “apontam para uma interpretação genérica¹⁰” que redundando sobre os processos de “designação e identificação/subjetivação dos sujeitos urbanos”.

¹⁰ Como señalamos arriba, las designaciones, cuyo funcionamiento en las formulaciones apunta hacia una interpretación genérica, se refieren a clases de individuos cuya delimitación es dada por el funcionamiento de la forma sujeto-de-derecho, en sus efectos universalizantes sobre los procesos de designación y de identificación/subjetivación de los sujetos urbanos. (ZOPPI-FONTANA, 2005, p. 30)

Entendemos que, no enunciado que estamos analisando, proferido por Campos, essa interpretação genérica é também o modo como nele funciona o ‘nós’, que convoca o sujeito a identificar-se com um coletivo indeterminado. *Nós* é o espaço vazio, deixado vazio para que com ele eu, você, todos se identifiquem, assumindo como sua a voz de Campos, que se apresenta como o “líder” desse grupo plural e indefinido dos que não querem desistir do Brasil.

Mas, na retomada desse enunciado, pouco a pouco, esse lugar vai sendo determinado, como ocorre na publicidade do Real Hospital Português, acima apresentada: ‘nós’, aqui, são todos os pernambucanos que, como Eduardo Campos, são *conclamados* a não desistir do Brasil. Não se trata de um convite, de uma possibilidade, de uma sugestão de identificação, trata-se de conclamar a todos os pernambucanos a preencher esse lugar deixado vazio. A identificação com esse sentido levaria a assumir o pressuposto que o sustenta como verdadeiro: há um país chamado Brasil do qual muitos desistiram. Todos sabemos o que é o Brasil (e de que Brasil estamos falando) e todos sabemos quem foram os que desistiram, ainda que eles não sejam aqui nomeados, já que eles são todos aqueles que não podem ser ‘nós’, que não vamos desistir do Brasil e que, portanto, encontramos na voz de Campos uma extensão da nossa voz. Repetida, essa materialidade opaca vai fazendo eco e, nos seus ecos, encontrando diferentes possibilidades de determinação para os vazios por ela deixados.

1.2 “Suíza de América”

Em um segundo momento de nossa análise, vamos olhar não propriamente para um enunciado, mas para uma expressão, “*Suíza de América*”, por meio da qual se designa o Uruguai, retomando uma memória histórica que diz respeito a um modo de dizer o país. Fizemos, nesse caso, um movimento contrário àquele empreendido na leitura do enunciado proferido por Eduardo Campos, trabalhando especialmente a anterioridade do evento. Ou seja, para recortar nosso *corpus*, vamos estabelecer como ponto de partida o discurso de despedida de José Pepe Mujica da presidência do Uruguai, a fim de observar, em retrospectiva, a primeira menção que encontramos na rede em que se vincula seu nome à designação em análise, em 2009, até a utilização por Mujica dessa expressão em 2015, recortando enunciados de seis textos em que se vê essa retomada.

27 de fevereiro de 2015, discurso de despedida de Mujica. “*Empezábamos a surgir y no nos dábamos cuenta que empezábamos a dejar de ser la Suíza de América, para ser definitivamente latinoamericanos*”¹¹.” Essas são as palavras do agora ex-presidente uruguaio, em um dos trechos de seu discurso de despedida. Um texto, em suas palavras, de agradecimento, uma espécie de narrativa em que Mujica mescla a história de sua própria vida à de seu país, produzindo um olhar particular sobre a infância, a adolescência e o amadurecimento de um Uruguai que teve que ir, pouco a pouco, se reconhecendo como latino-americano. Nesse discurso para “*su pueblo*”, Mujica retoma esse modo de dizer o Uruguai que tanto se repete sobre

¹¹ Disponível em: <http://www.ppemujica.uy/>

o “*paisito*”¹² para dizê-lo como algo do passado, um deixar de ser o sonhado para reconhecer-se nesse universo real de que se é parte, uma América Latina empobrecida, convulsionada pelos golpes militares, pela política do pós-guerra, pelos efeitos da guerra fria. Mas deixa de sonhar o Uruguai em voltar a ser essa “*Suíza*”?

O discurso de Mujica em 2015 representa o fim de um período de cinco anos como presidente do Uruguai, período em que o pequeno país latino-americano é, de certa forma, redescoberto pela mídia internacional, muito graças ao próprio Mujica, que passa a ser tema de reportagens e editoriais que falam sobre seu jeito simples de viver, da recusa aos bens materiais, da doação de parte significativa de seus ganhos, ou seja, de um modo de *ser* presidente que o coloca em evidência. Mas também em evidência está o Uruguai, que obteve um enorme sucesso ao buscar a recuperação de sua economia aliada à construção de mais direitos civis. O discurso de Mujica encerra o segundo mandato da *Frente Amplia* (FA) no poder, que havia assumido a presidência do país pelas mãos de Tabaré Vázquez, marcando a presença da esquerda no poder depois de longos anos de derrotas amargas. Em artigo de 2010, Garcé afirma que o governo de Mujica deveria dar continuidade ao trabalho realizado anteriormente, mantendo a mesma estratégia de desenvolvimento econômico e distribuição de renda, bem como a ênfase que vinha sendo dada na luta contra a pobreza e a exclusão social. Em 2014, durante o período de

¹² Não teremos condições de tocar nesta questão neste artigo, mas parece ser produtivo, também, olhar para o contato-confronto entre essas duas formas de dizer o Uruguai, ora “*la Suíza de América*”, ora “*el paisito*”, que parecem estar ligadas a duas formas de estar em e pensar o país e seu projeto político.

eleições, em uma Carta Aberta, Federico Fasano Mertens¹³ aponta a mudança radical vivida pelo Uruguai nos últimos dez anos, especialmente no que diz respeito à distribuição de renda que fez do País o mais igualitário da América Latina, além de ter experimentado o maior crescimento econômico da região e um enorme fortalecimento de seu mercado interno. O discurso de despedida de Mujica, então, marca sua saída do cargo mais importante da república uruguaia, num período de bonança em que o Uruguai volta a ser visto pelo mundo, constituindo-se em um interessante modelo de desenvolvimento.

Considerando este cenário é que nos chama a atenção a retomada, em dizeres sobre esse país e seu mandatário, da expressão “Suíza de América”, que aparece, por exemplo, no título do artigo de Carlos Gabetta, no periódico La Jornada, do México, em 22 de fevereiro de 2015, dias antes do pronunciamento de Mujica: “*Pepe, presidente de Uruguay. La Suíza de América*”¹⁴. No artigo, Gabetta fala dos avanços do país durante o governo de Pepe Mujica, destacando este “algo” que volta a fazer parte do discurso sobre o Uruguai e pelo qual ele pode ser conhecido como a Suíça da América: “Por algo desde principios del siglo pasado lo llamaban la Suíza de América”¹⁵. Olhemos, então, para alguns momentos em que esta expressão retorna:

3 de junho de 2013. Ao noticiar a visita do presidente à Espanha e seu discurso durante a inauguração da Praça Uruguai na capital da Galícia, o periódico *El país*, do Uruguai, estampa como título as palavras do presidente: “*Mujica: Uruguay era Suíza, "pero quedamos*

¹³ Disponível em: <http://www.lr21.com.uy/politica/1203362-elecciones-2014carta-abierta-federico-fasano-logros-frente-amplio-gobierno-uruguay>

¹⁴ Disponível em: <http://www.jornada.unam.mx/2015/02/22/politica/003n1pol>

¹⁵ Disponível em: <http://www.jornada.unam.mx/2015/02/22/politica/003n1pol>

congelados en el tiempo".¹⁶ Em um texto em que recorta várias falas do presidente, o jornal destaca a maior visibilidade que, segundo Mujica, é preciso que tenham os países latino-americanos, numa fala em que o Uruguai é colocado na posição daquele que retorna a um lugar perdido, o de Suíça.

28 de dezembro de 2012. Página do jornal *La nación*, da Argentina: "Mujica dijo que Uruguay vuelve a ser "la Suiza de América"¹⁷. Ao retomar as palavras do então presidente uruguaio, o jornal argentino recupera essa memória de um modo de designar o país para falar de seu crescimento econômico no final do segundo ano de mandato de Mujica.

Meses antes, a mesma designação aparecia no *El mundo.es*, em sua seção América, para falar do retorno do Uruguai à sua 'existência global'. "Uruguay, una vez más, 'la Suiza de América'"¹⁸, intitula o jornal a sua matéria, ao dizer que, depois de 55 anos, o país volta a se posicionar como um país política e economicamente consolidado, o que se comprova pelos dados enumerados no texto, que encerra novamente com a referência a essa memória pela qual se pôde voltar a referir o país: "*Mientras tanto, Uruguay disfruta ser "la Suiza de América"*".

25 de outubro de 2009. A comparação entre Uruguai e Suíça aparece como o ponto de partida do artigo do periódico Deutsche Welle (DW), que em "*Elecciones en Uruguay, la "Suiza de América"*", mostra como a estabilidade do país, alcançada no governo de Tabaré

¹⁶ Disponível em: <http://www.elpais.com.uy/informacion/mujica-uruguay-suiza-america-congelados.html>

¹⁷ Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/1541115-mujica-dijo-que-uruguay-vuelve-a-ser-la-suiza-de-america>

¹⁸ Disponível em: <http://www.elmundo.es/america/2012/06/08/noticias/1339166721.html>

Vasquez, permite que o processo eleitoral que levaria Mujica ao poder transcorra de forma tranquila e sem grande cobertura da imprensa internacional. Apesar disso, o jornal destaca o interesse crescente da Alemanha pelo país, que desponta no cenário mundial, permitindo que se volte a catalogá-lo como “*la Suiza de América*”.

Essa retomada dos textos em que se encontra a designação a partir da qual construímos nosso olhar nos serve para voltamos às discussões que já empreendemos, no subtítulo anterior, acerca das condições de produção, ou seja, pensar o discurso “em referência ao mecanismo de *colocação* dos protagonistas e do objeto de discurso”. (PÊCHEUX, 1969, p. 78). Ao definir o discurso como “efeitos de sentidos entre os pontos A e B que designam lugares determinados na estrutura de uma formação social”, Pêcheux (*idem*) alerta-nos para o fato de que estes lugares estão “presentes mas transformados” no discurso. Por isso, o que funciona não são os lugares em si, mas suas formações imaginárias que, com seus mecanismos de funcionamento – antecipação e relação de forças – são parte dos elementos estruturais das condições de produção de um discurso.

Sendo assim, pode-se dizer que recorrer à noção de condições de produção é pensar a relação de um discurso e dos sujeitos do discurso com as relações de produção–reprodução–transformação das relações sociais que constituem todo processo discursivo, nele delineando trajetórias de sentidos.

Um momento de retomada de crescimento econômico, de saída da obscuridade no cenário mundial, de reorganização social leva o Uruguai a voltar à cena, a ser novamente objeto de interesse aos olhos do mundo, de projetar-se, a partir desse lugar muito ao sul que é o seu

lugar, para o centro de um processo de transformação da América Latina. Está na vitrine, outra vez, o *paisito*, que parece voltar a funcionar como um relógio Suíço, fazendo trabalhar sobre si, sobre a forma de designá-lo a memória de um tempo de prosperidade e justiça. Mas é um tempo de ser ou de vir a ser, ainda, esse da Suíça da América?

Uma vez apresentado o nosso *corpus*, bem como as condições de produção acerca da formulação e circulação desses discursos, para que possamos avançar no nosso objetivo de analisar o funcionamento do discurso a partir de eventos que marcaram a cena política de Brasil e Uruguai, faremos algumas considerações acerca das relações fronteiriças, no campo do discurso outro, entre as formas de modalização autonímica de empréstimo – sobretudo das aspas e alusão - e a noção de memória discursiva.

2 A memória entre as fronteiras do discurso outro: breves apontamentos sobre formas de modalização autonímica de empréstimo

A representação do discurso outro (RDA), pensada em toda a sua complexidade, é trazida por Authier-Revuz em seus trabalhos, nos quais procura definir a especificidade da RDA como o campo que engloba “a metadiscursividade (discurso sobre o discurso) com a especificação da alteridade (discurso outro) pela qual ele se distingue da autorrepresentação do discurso no processo de realização” (AUTHIER-REVUZ, 2015, p. 4). Inscrita no campo do metadiscurso, a RDA é apresentada pela autora a partir de quatro níveis de inscrição da heterogeneidade: (1) o da metadiscursividade; (2) o do plano das

formas; (3) aquele da relação entre os planos da língua e do discurso; (4) e o que coloca em jogo a articulação entre as heterogeneidades representada e constitutiva.

Neste trabalho, interessa-nos, de modo particular, o último nível em sua relação com o do plano das formas, trabalhado pela autora a partir de um vasto número de exemplos que demonstram a heterogeneidade desse plano. Dentre essas formas, que vão atravessar o campo da RDA, vamos nos deter na *modalização autonímica de empréstimo* (referida no texto como Zona Bb), em sua forma marcada pelas aspas, e em sua forma não marcada pela alusão interdiscursiva, funcionamentos que se mostraram mais produtivos para a análise de nosso corpus.

Authier-Revuz (2015), para pensar as formas e operações por meio das quais a prática metadiscursiva se realiza, desenha “uma estruturação em zonas” que correspondem a um modo de “inclusão do outro no um do dizer”. Entre elas, define “A zona (Bb) [...] pelo fato de que aí falamos de um objeto qualquer *a partir* de um outro discurso (B) cuja imagem passa pela exposição das palavras (b)” (*idem*, p. 9). É nessa zona *Bb* que se situa a modalização autonímica de empréstimo, em sua forma marcada pelas aspas, e em sua forma não marcada pela alusão, remetendo a um funcionamento do tipo “um fala a partir do outro”¹⁹. Na primeira, a explicitação dessa apropriação das palavras do outro se dá pelo emprego da modalização autonímica marcada (aspas, itálico), para ser interpretada como empréstimo; na segunda, o empréstimo se marca por uma alusão interdiscursiva, em que a recuperação do

¹⁹ “[...] é a zona, dupla, da modalização do dizer pelo discurso outro, onde o outro não é mais aquilo de que se fala, mas o que interfere no dizer, o que o altera — também no sentido musical¹⁹ — interferindo como fonte, seja de suas predicções (Ba), seja de seus modos de dizer (Bb)” (AUTHIER-REVUZ, 2015, p. 19).

discurso outro se dá por um movimento puramente interpretativo. No primeiro caso, temos, portanto, um exemplo de heterogeneidade representada marcada e, no segundo, uma forma não marcada que se situa na zona fronteira entre as heterogeneidades representada e constitutiva.

Segundo a autora, a alusão é um “fato linguageiro que põe em cena a enunciação e suas heterogeneidades, a discursividade, o sentido – o de um dizer que toma de empréstimo, de forma não explícita, palavras “do exterior””. (AUTHIER-REVUZ, 2007, p. 1-2). Em se tratando de uma forma de empréstimo não explícita, a alusão situa-se no campo das heterogeneidades não marcadas (Cf. AUTHIER-REVUZ, 2007), estando diretamente relacionada à interpretação. Na ausência das marcas, fica a cargo do leitor recuperar, pelo viés da memória discursiva, os elementos que constituem a alusão, já que, como nos diz Authier-Revuz (2007, p. 11), “é na relação com o contexto discursivo no qual é enunciado que o sintagma recebe, ou não, interpretativamente, o status de alusão (modalização autonímica de empréstimo não marcada) com todos os efeitos de sentido a ela relacionados.”.

Ao caracterizar a alusão, a autora vai trabalhar com as ordens do intra e do interdiscurso, pensando-a como um trabalho de articulação entre essas ordens. Trata-se de uma costura no fio do discurso de algo que lhe é exterior, um exterior recuperável que, no entanto, não diz de onde vem, mas remete a uma memória que passa a trabalhar nesse dizer, podendo aparecer tanto a partir da percepção perturbadora de que algo estranho àquele lugar rompe a linearidade do dizer, quanto inscrever-se silenciosamente no fio do discurso. Pode funcionar a alusão, por vezes, como nos diz Authier-Revuz (2007, p. 12), como uma:

[...] falta, criando no dizer o apelo a um exterior, por meio do questionamento que ali inscreve a diferença – o heterogêneo –, mas o apelo fica em suspensão dentro de um espaço interdiscursivo que permanece mudo. Sem que produza qualquer resposta de similitude, a alusão não pode “ganhar corpo”, deixando o receptor no desconforto de um dizer atravessado pelas sombras de um outro discurso cuja presença, não dita, ele percebe, mas lhe escapa, tornando-o incapaz de dar-lhe consistência – voz e forma.

A alusão se coloca, então, no campo do discurso, como uma fratura no dizer que demanda interpretação, no sentido de que diante dela a forma de recortar a memória produzida por aquele que lê determina a direção de sentidos que se vai construir nesse trabalho de interpretação. Trata-se, de certa forma, de pensar as condições de produção da leitura do enunciado - e, com elas, o lugar sócio-histórico que ocupa o sujeito-leitor - enquanto decisivas na reconstrução da alusão. Assim, mesmo que não se consiga chegar à origem do dizer outro aludido (que pode escapar ao leitor), no sentido de que se recupere seu corpo, ele não deixa de produzir eco no discurso um.

Trabalhar no campo do discurso em que nos situamos implica um constante ir e vir das formas ao discurso, lembrando, como nos diz Authier-Revuz (2015), que são as formas da língua o ponto de partida para que se possa dar conta dos funcionamentos e efeitos discursivos “por meio da descoberta de trajetos interpretativos” (*idem*, p. 21). Para acessarmos o plano do discurso, portanto, precisamos olhar para esses trajetos interpretativos de que nos fala a autora. E esse caminho só é possível se não separarmos, de forma estanque, esses dois planos: o da língua e o do discurso. Dessa forma, chegamos ao último nível de RDA: a articulação entre heterogeneidade representada e constitutiva, que a autora assim define:

Essa heterogeneidade representada pelo e no discurso, através de formas identificáveis na linearidade pelo receptor, e pelo linguista, como referindo-se a um outro, articula-se a um outro nível de heterogeneidade: o nível, bem diferente, identificado e teorizado nas abordagens não propriamente linguísticas da linguagem, que reconhece – com acentuações teóricas diversas – o caráter constitutivo em todo dizer, e em cada ponto, do exterior já dito, que chamei de heterogeneidade constitutiva. (AUTHIER-REVUZ, 2015, p. 33)

É no diálogo com autores como Bakhtin e Pêcheux, entre outros, que Authier-Revuz constrói um espaço de teorização acerca da heterogeneidade constitutiva, e é seguindo as trilhas de Pêcheux que vamos, aqui, procurar discutir um pouco mais a questão.

Interessa à autora o que em sua obra Pêcheux discute acerca da interdiscursividade que determina o dizer de todo e qualquer sujeito, “sob o regime de um algo fala sempre em outro lugar, antes e independentemente” (PÊCHEUX, 1995, p.162); determinação esta, no entanto, que se produz enquanto ilusão para o sujeito que, ao dizer “eu”, acredita ser a fonte do seu discurso. Em seu trabalho, Pêcheux vai nos mostrar que os elementos do interdiscurso “são re-inscritos no discurso do próprio sujeito”, sob a forma do pré-construído ou discurso transversal, como traços desse exterior que o determina. A consideração desses elementos implica em uma tomada de posição acerca do modo de ler um discurso, que o coloca na relação necessária desse dizer com suas condições de produção, como uma forma de olhar para o movimento dos discursos na história. Assim, nas palavras de Pêcheux [1984]:

[...] analisa-se uma sequência na sua relação com o seu exterior discursivo específico (em particular seus pré-construídos, seus discursos relatados, etc.) e em relação à alteridade discursiva com que ela se defronta, ou seja, o campo sócio-histórico do qual ela se separa (cf. noção de enunciado dividido). (PÊCHEUX, 2011, p. 229)

Pêcheux se ocupou de mostrar as necessárias relações a serem estabelecidas entre um enunciado e seu exterior ao definir o “interdiscurso como condição da produção e da interpretação dos discursos” (*idem*). A questão que nos coloca o autor remete à leitura dos enunciados como forma de pensar as transformações que os afetam ao serem feitos circular de forma *dissimétrica e desigual*. Por isso, a Análise do Discurso (AD), como uma disciplina de interpretação, vai propor como questão central o estatuto do sujeito enunciator, “colocando em causa a existência de um metadiscurso do sentido sob os discursos” (*idem*, p. 230).

Cabe destacar que esse estatuto do enunciator é marcado por uma *heterogeneidade radical*, nas palavras de Authier-Revuz (2007), que evidencia essa relação do sujeito com o exterior que lhe é constitutivo (e de seu discurso). Para a autora, as formas representadas de não-coincidência consigo mesmo evidenciam, no jogo da negociação do enunciator com a heterogeneidade, “toda uma outra relação com o exterior, o outro: [...] aquela de um interior também “constituído”, [...] no sentido de “configurado”, de delimitado por exteriores que asseguram sua unidade e sua identidade”. (*idem*, p. 5). Portanto, se o interior é necessariamente constituído pelo exterior, toda e qualquer formulação mobiliza de alguma forma um “corpus sócio-histórico de traços” que, nos termos de Pêcheux ([1990] 2011, p. 142), constitui o interdiscurso.

O que funciona nesse corpo sócio histórico de traços é, segundo Pêcheux, uma “série de *tecidos de índices legíveis*” (*idem*), espaço no qual se inscreve a memória. Entendemos que está em jogo, no caso da

alusão interdiscursiva, um trabalho do sujeito-leitor que, a partir de seu lugar-social, recorta, entre essa série de traços, o que da memória lhe é permitido acessar para produzir seu gesto de interpretação. Tal recorte é produzido a partir do ‘furo’ na linearidade do dizer que a alusão representa.

Debruçar-se sobre o funcionamento da alusão, portanto, é um modo de compreender como trabalha a alteridade no processo de (re)atualização dos dizeres em sua relação com a memória. Ao serem trazidos para um outro discurso que não aquele de sua ‘origem’, os dizeres carregam consigo os traços de uma memória que os gestou, a qual, no entanto, vai se reconfigurando no contato/confronto com outras memórias, criando uma tensão entre as condições de produção do discurso de “origem” e aquelas nas quais esse discurso retorna. Ao retornar, esse discurso outro faz trabalhar a memória no discurso um, promovendo tanto a cristalização/regularização de um sentido quanto o seu deslocamento.

Assim, embora a memória corrobore a cristalização/regularização de um sentido, ela não pode ser

[...] concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, de réplicas, de polêmicas e de contradiscursos (PECHEUX, [1983a] (1999, p. 56)).

Trata-se, portanto, de um espaço constitutivamente contraditório. E o próprio Pêcheux (1999, p.53) nos mostra isso: de um lado, a repetição funciona como efeito material que funda “comutações e variações” que asseguram o “espaço de estabilidade de uma vulgata

parafrástica”; de outro, a repetição, marcada “pela recorrência do item ou do enunciado” convoca a desregulação, caracterizando “a divisão da identidade material do item”, pois, sob essa identidade, pode-se fundar a metáfora - os signos podem se deslocar, e os sentidos podem ser outros, esburacando a própria memória.

Apresentadas as noções teóricas que mobilizaremos nas análises, passamos às análises propriamente ditas. Para tanto, voltaremos a alguns dos discursos já apresentados no tópico 1 do presente artigo. Começamos pelos discursos de retomada do enunciado “Não vamos desistir do Brasil.”

3 A produção da memória do enunciado “Não vamos desistir do Brasil”: análise do funcionamento do discurso outro em formas de modalização autonímica de empréstimo

A dispersão do enunciado proferido por Eduardo Campos é tanta que seria impossível dar conta das inúmeras vezes em que ele foi/é retomado. No entanto, chama-nos a atenção, nesse percurso, a direção de sentido que foi sendo construída para essa formulação. Conforme observamos no item introdutório deste artigo, ocorreram muitos deslizamentos de sentidos acerca desse dizer, mas um sentido se cristalizou socialmente: o de oposição à candidatura e ao governo Dilma Rousseff e, conseqüentemente, de oposição ao PT.

Vamos retomar aqui alguns dos discursos, entre os apresentados no tópico 1.1, em que o enunciado proferido por Campos ressoa, para analisar o funcionamento do discurso outro, a partir das formas de

modalização de empréstimo, observando o papel da memória na produção de sentido desses discursos. Para tanto, partiremos das noções de memória, de modalização autonímica de empréstimo marcada (as aspas) e não-marcada (a alusão), conforme discutidas no tópico anterior. Antes, no entanto, de adentrarmos na análise propriamente dita, julgamos importante apresentar, mesmo que brevemente, o que estamos entendendo por Enunciado.

Segundo Courtine (2009, p. 100), os enunciados [E] são “os elementos do saber próprio a um FD. Conceberemos o enunciado como uma forma ou um esquema geral que governa a repetibilidade no seio de uma *rede de formulações* (grafado R[e])”. Assim, tomando a dimensão horizontal como o nível da formulação, do intradiscurso, e a dimensão vertical como o nível interdiscursivo, Courtine (2009, p. 100-101) não desvincula um do outro, mas concebe o [E] como “a forma geral, “indefinidamente repetível”, a partir da qual se pode descrever a constituição em uma rede de um conjunto de formulações dispersas e desniveladas no seio da FD: pode-se assim percorrer R[e] a partir de [E] como um trajeto das reformulações possíveis de [E].”

Parece-nos que é justamente esse entrecruzamento entre essas duas dimensões propostas por Courtine ao enunciado que dão conta de explicar o trajeto de (re)formulações de “Não vamos desistir do Brasil” e, por sua vez, a cristalização de um sentido, já que é nessas redes de formulações que se estabiliza a referência dos elementos do saber: “os objetos do discurso se formam nelas como pré-construídos, os [E] nela se articulam” (COURTINE, 2009, p. 101).

O Enunciado, então, no âmbito deste trabalho, está situado na dimensão interdiscursiva da constituição dos discursos. Tomado como o conjunto de elementos de saber que regulam o deslocamento das

fronteiras de uma Formação Discursiva, o enunciado determina o modo como diferentes formulações são linearizadas no nível intradiscursivo. É na/pela rede de formulações que se estabilizam os elementos de saber próprios a uma FD, remetendo aos *pré-construídos*²⁰ que se formam no enunciado [E] e nele se articulam com o Sujeito Universal. Portanto, trabalhar com o enunciado, tomado nessa perspectiva, é ultrapassar sempre o nível da formulação, remetendo ao nível do sócio-histórico e do ideológico, que é constitutivo das redes de formulações e essencial para nos ajudar a entender/recuperar o trajeto dessas redes.

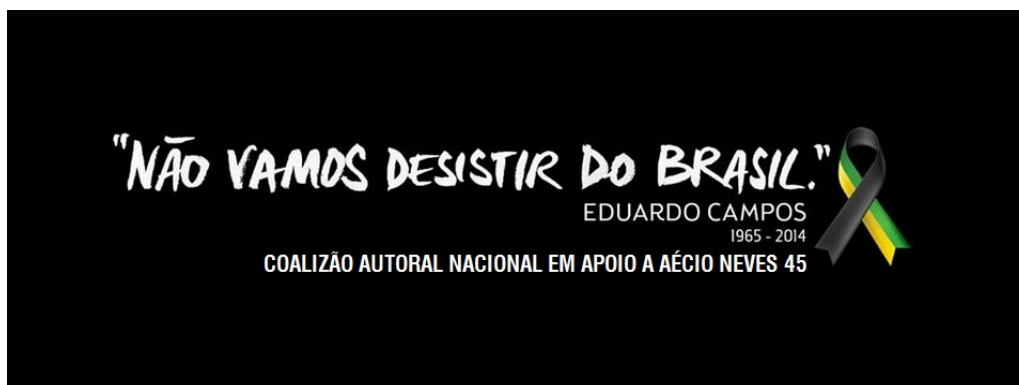
Presente nessa rede está também a memória, que é um dos elementos responsáveis pela estabilização de um sentido, conforme já discutimos no item anterior, o qual dialoga, naturalmente, com outros sentidos. Assim, é justamente nesse jogo entre a estabilidade de uma *vulgata parafrástica* e a desregulação que funciona o enunciado “Não vamos desistir do Brasil”, pois, ao mesmo tempo em que, pela repetição, ele sedimenta um sentido, a cada nova linearização no fio do discurso, outros dizeres, outras memórias são convocadas e ressoam na rede de (re)formulações, produzindo outros efeitos de sentido.

Uma vez explicitado o modo como estamos tomando teoricamente o Enunciado, ao retornarmos ao conjunto de discursos, apresentados no tópico 1.1, produzidos acerca da formulação “Não vamos desistir do Brasil”, observamos dois modos de apropriação do discurso outro no plano da forma. Quais sejam: 1) a modalização autonímica marcada; 2) a alusão interdiscursiva.

²⁰ Conforme Pêcheux [1975], o pré-construído remete àquilo que *fala antes, em outro lugar, independentemente*, e corresponde ao “sempre já-aí” da interpelação ideológica. (Cf. PÊCHEUX, 1995, p. 164)

Nessa primeira forma, colocamos todas aquelas retomadas feitas do enunciado de Campos, em que o empréstimo está marcado com aspas. Quais sejam:

1) O enunciado “Não vamos desistir do Brasil”, entre aspas e atribuído a Eduardo Campos, seu autor, seguido de uma segunda assinatura: coalizão autoral nacional em apoio a Aécio Neves 45, conforme imagem abaixo.




2) O enunciado, marcado por aspas, mas reatualizado em outra formulação, “para não desistirem do Brasil”. Inserido numa propaganda, em que o Real Hospital Português presta uma homenagem ao ex-governador pernambucano um ano após a sua morte, quando completaria 50 anos de vida, o enunciado, apesar da reformulação, recupera a autoria de Eduardo Campos. Vejamos:

“Um olhar de quem nasceu para brilhar e jamais será esquecido. Seus sonhos, suas lutas, suas atitudes positivas estão gravadas na história.”
Alberto Ferreira da Costa



Inspirado no grande líder pernambucano, o **Provedor Alberto Ferreira da Costa**, a Junta Administrativa e Diretoria Executiva em nome de todos que fazem o **Real Hospital Português** prestam uma justa homenagem ao inesquecível **Eduardo Campos** e conclamam os pernambucanos "para não desistirem do Brasil".

REAL  **HOSPITAL PORTUGUÊS**

PORTUGUÊS COM MUITO ORGULHO
BRASILEIRO COM MUITO AMOR

ISO 9001
ISO 14001
ISO 27001
Provedor do Real Hospital Português:
Alberto Ferreira da Costa

Av. Agamenon Magalhães, 4760, Palissandu - Recife/PE - PABX: 3416.1122 - CEP: 52010-902
Av. Conselheiro Aguiar, 2502, Boa Viagem - Recife/PE - Fone: 3416.1800 | www.rhp.com.br

Na segunda forma, aquela da alusão interdiscursiva, reunimos os discursos em que a recuperação do discurso outro só se dá pelo movimento interpretativo. Trata-se de uma forma de heterogeneidade marcada, mas não mostrada. Nessa categoria, enquadram-se a grande maioria dos discursos que encontramos e nos quais o enunciado de

Campos é, de alguma forma, retomado, ainda que sua voz seja apagada. Adiante, quando da sua análise propriamente dita, retomaremos os três discursos elegidos.

Voltemos aos enunciados tomados na modalização autonímica de empréstimo de forma marcada. Nesses casos, estamos diante de um modo de apropriação do discurso outro que marca, pelo uso das aspas, a heterogeneidade no fio do discurso. Esse dizer outro, no caso o enunciado proferido por Eduardo Campos, produz uma modalização no dizer um. Ou seja, a voz de Campos é tomada de empréstimo para produzir uma marcação na voz que agora enuncia. E quem enuncia nos dois exemplos acima? No primeiro caso, produzindo uma espécie de dupla autoria, logo após ser marcada a autoria de Eduardo Campos, assinam o slogan uma coletividade de vozes que representam *a coalizão autoral nacional em apoio a Aécio Neves*. A responsabilidade, então, pela enunciação é da coalizão. No segundo caso, quem se responsabiliza pela enunciação é o Real Hospital Português.

O enunciado 1, embora mantenha a atribuição da formulação a Campos de forma bem marcada, desliza para um outro sentido quando reatualizado na voz da coalizão em apoio a Aécio Neves. Mantém-se o sentido da convocação, de chamado aos eleitores brasileiros para não desistirem do Brasil e, por isso, tirarem do poder os que desistiram do Brasil, o PT²¹. Mas o que era um dizer de fechamento de uma entrevista televisiva ganha força de um slogan, uma espécie de grito de guerra na voz da oposição. Junto com essa força de slogan vem o apelo à lembrança da morte de Eduardo Campos, o eterno guerreiro do povo

²¹ Na análise sobre o enunciado “Não vamos desistir do Brasil”, apresentada no tópico 1.1 do presente artigo, mostramos como esse sentido se construiu.

brasileiro²², simbolizada pela cor negra da faixa sobre a qual vem estampada o enunciado “Não vamos desistir do Brasil”. Assim, a voz de Campos é amalgamada a uma coletividade de vozes que clamam por mudanças no País. Portanto, a cada vez que o enunciado é reatualizado no fio do discurso, outros efeitos de sentidos são produzidos graças à intervenção da memória.

No segundo exemplo, o enunciado “Não vamos desistir do Brasil” é reatualizado numa homenagem que o Real Hospital Português (RHP) presta a Eduardo Campos em forma de um anúncio publicitário. E nos chama atenção, num primeiro momento, justamente esse gênero que é escolhido para homenageá-lo. Embora o objetivo primeiro seja o de prestar a homenagem, a instituição, nesse caso o RHP, usufrui da imagem de Eduardo Campos, um homem público, político reconhecidamente bem querido pelo povo pernambucano, para estampar a sua marca. Observemos que, sob a imagem sorridente de Campos, estão as bandeiras de Pernambuco e do Brasil. É *inspirado* nesse sorriso, nesse *grande líder Pernambucano*, nesse sujeito *inesquecível* que o Hospital cola sua imagem à do ex-governador. Eduardo é dito como um exemplo de homem a ser seguido, não lhe faltando características de um herói: *nasceu para brilhar; grande líder; inesquecível; seus sonhos, suas lutas, suas atitudes positivas estão gravadas na história*²³.

²² Esse modo de designá-lo surge no velório de Eduardo Campos. Entoadado pela boca de milhares de brasileiros, Campos é alçado à condição de *eterno guerreiro*, o qual deixou registrado na história suas marcas. Essa mesma designação retorna um ano após sua morte, estampada em outdoors, em que a Assembleia Legislativa de Pernambuco prestava uma homenagem ao ex-governador.

²³ Observamos esse processo de heroicização de Campos em trabalho apresentado no Congresso da ALED (Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – Buenos Aires, 2015), intitulado “O processo de heroicização de Eduardo Campos nos discursos acerca de sua morte: memória e identificação”. Embora não seja nosso interesse aqui trabalhar com a questão do herói, achamos pertinente mostrar como, nessa reformulação do enunciado, está presente esse processo.

Assim, o Hospital, através dessa homenagem que circulou na mídia, e foi publicada num caderno especial – Eduardo 50 anos – do Diário de Pernambuco, corrobora a construção da figura de Eduardo Campos como um grande herói nacional, que inspira toda a Equipe do Hospital a fazer o seu trabalho, e conclama os pernambucanos, juntando-se à voz desse grande líder, a “não desistirem do Brasil”. Observamos ainda, nessa publicidade, um trabalho de sobreposições, que produzem a fusão de Campos com os símbolos de seu Estado e país, de Campos com o Hospital e sua equipe, as quais apontam para um forte processo de adjetivação que singulariza Campos entre os outros homens: *é o grande líder, nascido para brilhar*.

Interessante que se, no exemplo anterior, mantinha-se a mesma estrutura linguística e a autoria era dada a Campos, aqui, no exemplo em análise, a estrutura linguística é reformulada, mas as aspas são mantidas, de modo a recuperar, marcar a autoria de Campos, embora o enunciado já não seja mais o mesmo. Não é o mesmo tanto do ponto de vista da forma quanto do ponto de vista do sentido. A marcação com as aspas é uma forma de sugerir ao leitor a recuperação da memória em que o enunciado-origem foi formulado. Num processo de repetibilidade, o enunciado proferido por Campos é parafraseado pela “equipe do Hospital”, que convoca, não mais todos os brasileiros, como então fizera o candidato à Presidência na época, mas todos os pernambucanos, conterrâneos desse homem *inesquecível*, a não “desistirem do Brasil”. Então, ao mesmo tempo em que a equipe do RHP presta *uma justa homenagem*, ela conclama o povo pernambucano a se identificar com o chamado de Campos. E identificar-se com a voz dele e o que ele representa para o povo pernambucano – no dizer do

próprio anúncio – é identificar-se com o trabalho desenvolvido também pelo Hospital, que é *inspirado* nesse *grande líder*.

Portanto, o discurso um, ao tomar de empréstimo o discurso outro, recorta um sentido da memória que se produziu até então acerca do enunciado “Não vamos desistir do Brasil”, apagando outros. A repetibilidade desse enunciado contribuiu para a cristalização de um trajeto de sentido que o associa ao processo que produz Campos como herói. Não desistir do Brasil, portanto, é, entre outras coisas, não esquecer dos feitos desse herói. Apagam-se, por outro lado, todas as contradições, todas as formulações que poderiam levar a outros trajetos de sentido que distanciassem sua imagem das características de um herói. Eis o trabalho da memória, que atua não só em formas não marcadas, mas também, como é o caso, em formas marcadas de heterogeneidade.

Passamos, agora, às análises das formas de empréstimo não marcadas do discurso outro, no nosso caso, da alusão interdiscursiva. Retomemos, então, os enunciados, já apresentados no tópico 1.1, que elegemos para análise.

1) “Hoje é dia de pintar a cara, e ir pra Rua. Pois **NÃO VAMOS DESISTIR DO BRASIL!**
#foradilma #forapt #forapmdb #carapintada #vempraru
Paulista às 14 hs.”;

2) Atenção São Paulo, hoje é dia de ir pra Rua, e mostrar para esses políticos bandidos, que não vamos nos dispersar e **muito menos desistir do Brasil!!** Então às 15:00 nos encontramos em frente ao MASP.
#foraDilma #foraPT #chegadeCorrupção #borasacudiriomund

o Ou ficar à pátria livre, ou morrer pelo Brasil!!!! (Postada em 31 de janeiro de 2015);

3) Amigão, 200 MILHÕES DE DÓLARES... O que era o maior orgulho do Brasil, virou motivo de vergonha. **Mas Não Vamos Desistir do Brasil**, e vamos tirar o PT do poder. #foraDilma #impeachment (Postada em 05 de fevereiro de 2015)

Lembramos, para retomar o contexto imediato em que esses discursos foram produzidos, que se trata de três postagens que circularam no Facebook, numa comunidade intitulada “Não vamos desistir do Brasil”, sendo a primeira datada quando da campanha de segundo turno para as eleições presidenciais, e as duas últimas já nos primeiros meses de mandato da presidente reeleita Dilma Rouseff. Interessante notar que, em todas elas, a direção de sentido do “fora Dilma, fora PT” se mantém, à qual vem se juntar a *hashtag* do “impeachment” na terceira postagem.

Entendemos que esses três enunciados funcionam como convocação ao povo brasileiro – como o fez Eduardo Campos ao se despedir dos eleitores na sua entrevista – para não desistirem do Brasil. Nos dois primeiros, a convocação é direta, pois a postagem faz uma chamada mesmo para os brasileiros irem para a rua protestar contra a corrupção, mas sobretudo para pedirem a saída de Dilma e do PT da Presidência do País. Trata-se de convocações para manifestações contra o Governo já agendadas. No terceiro enunciado, embora a chamada para o protesto contra o Governo se mantenha, através das *hashtags* #foraDilma #impeachment, não estamos diante de uma convocação para uma manifestação de rua, como nos dois primeiros.

Em todas as três postagens, o enunciado proferido por Campos comparece, é (re)atualizado no fio do discurso, embora a autoria seja apagada. O que nos parece que acontece, sobretudo nos casos como esses em análise, nos quais “Não vamos desistir do Brasil” funciona como uma forma de alusão ao discurso de Campos, é que a autoria se desloca para uma coletividade de vozes, que representa a oposição. E como Campos também era oposição, a voz dele não precisa necessariamente ser mencionada. Não desistir do Brasil, portanto, passa a significar, como já mencionamos, *tirar o PT do poder* (Enunciado 3); vira slogan da oposição para pedir a saída da Presidente Dilma Roussef e dos seus partidos aliados (PT, PMDB) do Governo Brasileiro. Assim, *os políticos bandidos, a corrupção* é associada, exclusivamente, ao Governo, como se nenhum político do PSDB - que se diz oposição - estivesse envolvido em qualquer esquema de corrupção. Através desse processo de repetibilidade, vai sedimentando um sentido acerca do que é “não desistir do Brasil” e o “nós” - sujeito, a princípio, indefinido desse enunciado - vai sendo definido, ao mesmo tempo em que vai sendo produzida uma divisão entre os que desistiram e os que não desistiram do Brasil, conforme já mostramos na análise realizada acima acerca do enunciado “Não vamos desistir do Brasil.” Evidentemente, então, apagam-se todas as possibilidades de sentido que associariam Campos e, por sua vez, a oposição a efeitos negativos, a exemplo da corrupção. Logo, nem Campos nem a coletividade de vozes que agora assume a autoria do seu enunciado estão no rol dos “políticos bandidos”, mencionados no Enunciado 2 em análise.

O que nos chama a atenção, ainda, nesse conjunto de postagens é que, em todas elas, o enunciado de Campos é introduzido por um

articulador (*pois, e, mas*), que o liga a outros enunciados nos quais também estão presentes outros processos de alusão interdiscursiva. Estamos tomando aqui as articulações de acordo com Pêcheux ([1975] 1995, p. 166), as quais estão “em relação direta” com o que o autor convencionou chamar de *discurso-transverso*. Nas palavras de Pêcheux,

a articulação [...] provém da linearização (ou sintagmatização) do discurso-transverso no eixo do que designaremos pela expressão *intradiscurso*, isto é, o funcionamento do discurso em relação a si mesmo (o que eu digo agora, com relação ao que eu disse *antes* e ao que eu direi *depois*; portanto, o conjunto dos fenômenos de “co-referência” que garantem aquilo que se pode chamar o “fio do discurso”, enquanto discurso de um sujeito). (PÊCHEUX, 1995, p. 166)

Ou seja, a articulação é a forma como o discurso-transverso se lineariza no fio do discurso; é o discurso transverso que coloca em funcionamento a articulação, a qual é produzida por um processo de sustentação do “como todo mundo sabe”. (Cf. Pêcheux, 1995, p. 171). Assim, sob a forma de um “todo mundo sabe”, “todo mundo conhece” as condições em o enunciado “Não vamos desistir do Brasil” foi produzido e, portanto, quem é seu autor, elas não precisam aqui ser retomadas, ficando a cargo da memória essa recuperação. Portanto, pelo viés da articulação, o discurso-transverso se lineariza no fio discurso dessas postagens, sendo da ordem do interdiscurso a alusão ao enunciado-origem.

Voltando à materialidade do que comparece no fio do discurso desses enunciados, observamos, no primeiro caso, que, além da alusão ao enunciado NÃO VAMOS DESISTIR DO BRASIL, que está marcado em letras maiúsculas, temos nessa (re)formulação a alusão a um outro

momento histórico da política brasileira, os caras-pintadas²⁴ - movimento estudantil que pedia o *impeachment* do Presidente Collor de Mello, em 1992 - aludido pela expressão “Hoje é dia de pintar a cara”. O principal grito do movimento era “Fora Collor”, ao qual a postagem também faz alusão com as *hashtags* #foradilma #forapt #forapmdb. Outra vez, essas alusões ficam a cargo do leitor e comparecem no fio discursivo pelo viés da memória. Por isso, entendemos, baseadas nas proposições acerca da alusão de Authier-Revuz, que se trata de um modo de representar o discurso outro que se situa no limiar entre as heterogeneidades marcada e constitutiva.

A postagem funciona, então, conforme já mencionamos, como um enunciado convocatório que, ao retomar a memória do impeachment de Collor, produz o efeito de sentido que remete a um pedido de *impeachment* da Presidente recém-eleita. A convocação ao eleitor brasileiro para votar em um candidato específico - no caso Eduardo Campos - desliza para uma convocação da população brasileira para ir às ruas gritar pela saída da presidente Dilma e dos seus partidos aliados.

No enunciado 2, a convocação se restringe aos moradores de São Paulo, mas o chamado “para não desistir do Brasil” e mostrar a força do povo aos *políticos bandidos* se amplia para todos os brasileiros. Tanto que, ao final da postagem, observamos outro processo de alusão, dessa

²⁴ Os caras-pintadas foi o nome pelo qual ficou conhecido o movimento estudantil brasileiro, realizado no decorrer do ano de 1992, que teve como objetivo principal o *impeachment* do presidente do Brasil na época, Fernando Collor de Mello. O movimento baseou-se nas denúncias de corrupção que pesaram contra o presidente e, ainda, em suas medidas econômicas impopulares, e contou com a adesão de milhares de jovens em todo o país. O nome "caras-pintadas" referiu-se à principal forma de expressão e símbolo do movimento: as cores verde e amarelo pintadas no rosto dos manifestantes. (Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Caras-pintadas>. Acesso em 24 fev. 2015)

vez ao hino brasileiro “Ou ficar à pátria livre, ou morrer pelo Brasil!!!. Embora não haja nenhuma marcação explícita em referência ao hino, a “origem” desse enunciado, para um leitor brasileiro, é de fácil recuperação, já que todo brasileiro conhece o seu hino, ou pelo menos, já ouviu ser cantado uma dezena de vezes. Ainda assim, é preciso o trabalho da memória para que o leitor interprete esse enunciado como uma alusão ao hino, já que é, como nos diz Authier-Revuz (2007, p. 11), “na relação com o contexto discursivo no qual é enunciado que o sintagma recebe, ou não, interpretativamente, o status de alusão”.

Mas o sentido de Pátria livre sugerido no hino nacional desliza aqui para ficar a Pátria livre *dos políticos bandidos*, da corrupção e, portanto, do Governo que neste momento está no poder. Se não for assim, todos estão convocados a *morrer pelo Brasil*, morrer lutando, indo para as manifestações e gritando *#foraDilma #foraPT*²⁵, como anunciado nas *hashtags* da postagem. Portanto, nenhum brasileiro vai desistir do Brasil.

Por fim, no enunciado 3, mais uma vez, comparece a convocação para o *impeachment* da Presidente, através das *hashtags #foraDilma #impeachment*, e *não desistir do Brasil* significa *tirar o PT do poder*. Como forma de reforçar essa evidência de sentido que foi se construindo em torno desse enunciado, recortando da memória UM sentido em detrimento de outros, há uma alusão às investigações da Operação Lava-Jato, feitas pela Polícia Federal, sobre corrupção na Petrobrás. Logo, a Petrobrás, que *era o maior orgulho do Brasil*, virou *motivo de vergonha*. Assim a empresa é citada nesse enunciado, embora

²⁵ Importante esclarecer que, no momento em que estamos finalizando este artigo, há um processo de *impeachment* instalado, que está em tramitação na Câmara dos Deputados, contra a Presidente Dilma Rousseff.

não referida de forma direta, ficando a cargo do leitor recuperar, via alusão interdiscursiva, a referência.

Observamos, a partir desses casos em que a alusão aparece como uma forma de empréstimo do discurso outro, embora não marcada linguisticamente, o trabalho da alteridade no processo de reatualização dos dizeres no discurso um. Trabalho esse só possível em sua relação com a memória discursiva. A memória nos quais os enunciados de origem foram gestados vai se reconfigurando no contato/confronto com outras memórias, produzindo tanto a cristalização quanto o deslocamento dos sentidos.

4 A memória e o nome: o discurso outro em um modo de dizer o Uruguai como “*la Suiza de América*”

Os trabalhos da memória observados a partir da inserção do discurso outro na linearidade do dizer é o que também pretendemos observar a partir da expressão “*la Suiza de América*”, que entendemos como uma forma de dizer o Uruguai que se atualiza com muita força em um momento em que “*el paisito*” volta a ser olhado com interesse pelo mundo. Para procurarmos compreender esse processo, entendemos ser necessário retomar alguns elementos da memória histórica que constitui esse modo de dizer, os quais tentaremos apresentar em breves linhas nos próximos parágrafos.

Moreira (2007), em um estudo em que analisa a conjuntura política do Uruguai quando da chegada da FA ao poder, comenta que a democracia uruguaia é reconhecida como uma das mais estáveis e

antigas do continente, sendo considerada, por várias razões, uma democracia plena. Uma das provas da força dessa democracia, nos termos de Garcé (2010), é justamente a chegada de José Mujica ao poder, quase cinquenta anos depois de uma derrota eleitoral que promoveu o desencanto da esquerda liderada pelos *Tupamaros*, que agora veem seu antigo líder ocupando o cargo mais alto da nação por vias eleitorais.

Quando se pensa o Uruguai e a forma como nele se desenvolve a vida política, é comum que se defenda o ponto de vista de que o país vive uma maturidade democrática que vem sendo gestada desde sua independência²⁶ e que parece colocar o país em um lugar de exceção com relação a outras nações latino-americanas. Isso não significa, no entanto, que tal processo tenha se dado sem disputas internas ou sem que também o Uruguai houvesse experimentado, como outros países, muitas crises e períodos de grande turbulência no campo da política.

Mas do cenário político uruguaio, que seria impossível resumir em poucas linhas, interessa-nos em particular o período dos governos de José Batlle y Ordoñez (1903-1907 e 1911-1915), que fez no país uma gestão considerada nacionalista pela forte oposição ao imperialismo inglês, que então exercia sua influência sobre o Uruguai. Em seu trabalho, Marco Antonio (2013) enumera uma série de avanços promovidos por esse governo, como a criação do Banco da República, a disponibilização de energia elétrica, a criação dos telégrafos, do sistema de bondes e trens; mas também de avanços em outros campos, como o das leis trabalhistas, por exemplo, com a definição da jornada de oito horas semanais e do descanso obrigatório entre 1915 e 1923, conquistas

²⁶ É recorrente a menção ao fato de a democracia uruguaia ter ganhado muito com o fato de o país ter tido sua Constituição promulgada poucos anos depois da independência, em 1850.

raras naquele período entre os países da América Latina. Segundo o autor, os governos de José Batlle y Ordoñez, que faziam parte do “projeto colorado”, promoveram a ideia de uma sociedade na qual não se reconhecia a divisão de classes e onde o filho do imigrante pobre poderia ascender socialmente por meio do ensino.

Nesse cenário, consolida-se no imaginário coletivo a ideia de que seria o Uruguai “*la Suiza de América*”²⁷, imaginário que está relacionado a vários elementos que contribuíram para a formação do Uruguai: a inspiração suíça para sua organização política, os diferentes momentos de estabilidade e avanços no campo econômico e dos direitos civis; passando pelo funcionamento de suas instituições financeiras, seja pela oferta de segurança para investimentos internacionais, seja pelas questões relativas à manutenção do segredo bancário. Essas questões parecem atravessar várias décadas, apesar de ter o Uruguai sofrido com a crise de 1929, que afetaria o próprio governo de Batlle, e de ter-se visto, nos anos 60, muito mais próximo da realidade de seus vizinhos latino-americanos do que daquela do pequeno país europeu com o qual havia sido comparado. Para Marco Antonio (2013), a partir dos anos 50 uma série de elementos afetaram a vida econômica e política do Uruguai, colocando em risco a estabilidade político-econômica que lhe havia dado o título de Suíça da América e que parece ficar definitivamente para trás em 1973, com o início de um período ditatorial²⁸. Isso não significa, no entanto, que essa forma de dizer o

²⁷ É difícil que se possa definir uma origem para a expressão, ou seja, a primeira vez que ela foi utilizada e por quem. Optamos por destacar, no entanto, a relação entre a expressão “*la Suiza de América*” com o governo de Batlle pelas referências constantes a esse período como aquele em que se consolida esse modo de dizer sobre o país.

²⁸ A ditadura civil-militar do Uruguai vai de 1973 a 1985.

Uruguai tenha desaparecido e, com ela, uma memória que se (re)atualiza em épocas diversas, redefinindo seus contornos.

Diferentemente do que tínhamos no caso do enunciado de Campos, não estamos trabalhando com um enunciado cuja autoria possa ser recuperada, para que se estabeleça para ela uma autoria determinada ou uma data de origem, tampouco vemos em nosso corpus reformulações da expressão em análise, mas temos uma forma de dizer que remete a uma memória histórica bastante marcada e um movimento de estabilização de sentido que se produz pela reiteração de uma expressão e de alusões a ela. Nesse movimento, pela repetição de um modo de dizer, atualizado com diferenças muito sutis em um ou outro fragmento, vai-se criando sua estabilização na relação com o designado, num movimento de saturação que contribui para a consolidação de *um* imaginário, de *uma* representação sobre o objeto, em nosso caso, sobre o Uruguai. É preciso, no entanto, lembrarmos das palavras de Pêcheux (1969), a que já recorremos anteriormente, para quem pensar no representado em termos de discurso é sempre compreender como algo está presente mas transformado, ou seja, compreender como, mesmo na reiteração, há espaços para o movimento dos sentidos.

Estamos tomando neste trabalho a expressão “*Suíza de América*” como uma designação, no sentido de que ela pode tomar o lugar do nome, seja aparecendo no lugar de Uruguai, ocupando a posição de sujeito, ou, como sintagma nominal, tomar a forma de um atributo que, de todos os modos, delimita o nome que predica e, portanto, também o ‘objeto’. O que nos interessa, ao seguir as reflexões de Guimarães (2005, p. 9), é pensar na necessidade de se olhar para a designação como “a significação de um nome [...] enquanto relação tomada na história”,

sendo, portanto, ao significar algo que o podemos referir, que somos capazes de construir sua referência por uma relação com o simbólico.

Ao trabalhar a designação a partir da relação entre enunciação e acontecimento, Guimarães (2005, p. 12) faz uma importante reflexão sobre a temporalidade, afirmando que:

Todo acontecimento de linguagem significa porque projeta em si mesmo um futuro.

Por outro lado este presente e futuro próprios do acontecimento funcionam por um passado que os faz significar. Ou seja, esta latência de futuro, que, no acontecimento, projeta sentido, significa porque o acontecimento recorta um passado como memorável.

“Falar é estar na memória”, diz o autor (*idem*, p. 14), pensando o sujeito em sua relação com uma posição que ocupa e a partir da qual toma a palavra. Portanto, toda designação deve ser compreendida como um processo de construção de sentidos a partir de um recorte da memória. Esse modo de recortar a memória e a forma de construção do lugar do discurso outro é que tentaremos explorar a partir de agora, retomando os fragmentos que destacamos em 1.2.

Como procuramos destacar, olhamos para uma retomada dessa forma de dizer o Uruguai em um momento em que o país volta a ser objeto de interesse internacional, mas agora nas mãos de um governo declaradamente de esquerda, herdeiro de uma tradição de luta pela qual, entre as décadas de 60 e 70, se procurou justamente retirar o véu que encobria as feridas dessa Suíça situada ao sul do continente, em um momento em que começava a se esfacelar esse imaginário de “reduto europeu” em terras latino-americanas. Por outro lado, é nesse governo que se produz uma retomada do crescimento econômico, um processo de melhor distribuição de renda, uma ampliação dos direitos civis,

entre outros fatores, que prometem construir no Uruguai uma forma de vida mais igualitária para todos, constituindo-se novamente o país como uma alternativa interessante a um modelo de crescimento econômico que parece ser dominante. Mas está também este governo profundamente implicado em um discurso da integração da América Latina, de um diálogo mais intenso com os países do continente, de construção de um pertencimento a esse lugar que poderiam, talvez, fazer com que se abandonasse o desejo de ser *Suíza* para que se pudesse ser simplesmente *el paisito*, mas há algo que insiste em retornar no dizer o Uruguai, porque: “Por **algo** desde princípios del siglo pasado lo llamaban la Suíza de América”²⁹ (grifo nosso). Voltemos, então, aos nossos recortes, já apresentados em 1.2, começando pelo enunciado que é parte do discurso de despedida de José Pepe Mujica da presidência do Uruguai, proferido em 25 de fevereiro de 2015:

- 1) “Empezábamos a surgir y no nos dábamos cuenta que empezábamos a dejar de ser la Suíza de América, para ser definitivamente latinoamericanos³⁰.”

Nele, Mujica retoma, sem que haja nenhuma marcação no fio do discurso, a designação *la Suíza de América*, justamente na proposição de um contraponto entre um ‘deixar de ser’, que está na ordem do desejo, e o reconhecimento do que efetivamente se é. Em sua narrativa, ao falar de um período entre o final da segunda guerra mundial e a Guerra Fria, faz alusão a esse discurso outro que coloca o país em um passado marcado pela ilusão de que, embora estivesse em terras latino-americanas, seria europeia a nação uruguaia: uma pequena ilha de

²⁹ Artigo de Carlos Gabetta, Disponível em: <http://www.jornada.unam.mx/2015/02/22/politica/003n1pol>.

³⁰ Disponível em: <http://www.pepamujica.uy/>

prosperidade e estabilidade no continente. Do sonho de ser *Suíza* se passa para a realidade de uma democracia que vai adoecendo pela impossibilidade de distribuir a riqueza que já não existe: uma economia enfraquecida leva ao reconhecimento desse incômodo pertencimento a uma América Latina marcada pela pobreza e pela injustiça social.

Embora não haja uma autoria a ser localizada, a qual se possa indicar com precisão, ainda assim pertence essa expressão a um discurso outro, que aqui volta sem nenhuma marcação, num nível de quase desaparecimento de qualquer separação entre o que se enuncia e uma exterioridade discursiva que se encontra linearizada no fio do discurso. Na retomada da forma, portanto, não se joga com a voz de *um outro* enunciador que se pudesse corporificar, mas com esse discurso do outro, que aqui se coloca como um dizer de outro tempo, de outros sujeitos, de outros discursos, de um lugar que é o estranho.

Antes de seguirmos, vamos olhar um pouco para como se conforma essa designação com que estamos trabalhando, que coloca em jogo, muitas vezes pela sobreposição de dois nomes próprios – Suíça e Uruguai - um trabalho de comparação a partir do imaginário sobre esses países: a Suíça como representante daquilo que se quer ser (estável, próspera, justa, rica, europeia, etc.), e o Uruguai como a possibilidade de ser ‘Suíça’ na América. Não se trata, portanto, de uma comparação que se constrói a partir de uma possível igualdade entre esses espaços, mas um dizer que justamente marca a diferença entre eles, o que, no nosso entender, se mostra pela própria conformação linguística da expressão, num trabalho de determinação que distingue essa Suíça (o Uruguai) desejada daquela existente (a verdadeira).

Em seu trabalho, Indursky ([1997] 2013) faz uma interessante discussão sobre a determinação para analisá-la, em seu corpus, a partir de três diferentes níveis: o intradiscursivo, o intersequencial e o interdiscursivo (*idem*, p. 218-219). Para tanto, retoma questões gramaticais e linguísticas para definir a determinação, até chegar à determinação discursiva. Ao trabalhar esses diferentes pontos de vista sobre a questão, a autora nos mostra que a saturação do nome está no centro do que chamamos determinação, procedimento por meio do qual se busca limitar a extensão significativa de um nome e circunscrever sua referência.

Ao olharmos para a expressão de que nos ocupamos, vemos que, em geral, o nome a partir do qual ela se constrói está determinado pelo artigo (*la*) e um sintagma preposicional que o segue (*de América*). Em alguns casos, o artigo desaparece, mantendo-se apenas o SP. Em “*la Suiza de América*”, há, portanto, um trabalho de determinação na construção da referência que nos aproxima do discutido por Indursky, para quem “os determinantes linguísticos saturam o nome, dando-lhe uma referência atual que o qualifica a ocupar uma posição lexicalmente identificada com um lugar referencial e a exercer funções semânticas e sintáticas no enunciado” (*idem*, p. 214).

Essa determinação linguística é muito importante para que possamos entender os efeitos de saturação no discurso, os quais, no entanto, não se restringem a ela, visto que, como nos mostra Indursky, para chegarmos à determinação discursiva, muito mais complexa, o que temos que observar é como essa saturação se dá no sentido de tornar possível a inserção desse nome em uma sequência discursiva específica, considerando-se as determinações que lhe são impostas pela formação discursiva (FD) a que se vincula. “A determinação linguística qualifica

uma expressão a ocupar um lugar na estrutura frasal, enquanto a determinação discursiva qualifica a expressão a ocupar um lugar em um discurso específico” (INDURSKY, [1997] 2013, p. 218), nos diz a autora, que, ao retomar Paul Henry, afirma que a determinação discursiva coloca em jogo fatores sintáticos, semânticos e ideológicos.

Podemos aqui recuperar o que discutimos no subtítulo 2, ao dialogarmos com o trabalho de Authier-Revuz, para pensarmos que, nas diferentes formas de modalização autonímica, temos sempre um movimento que coloca o dizer entre duas ordens, a do intra e a do interdiscurso, no sentido de articulá-las, seja mostrando-se como algo que vem de outro lugar, um lugar que se identifica, que se quer ou se pode recuperar, como nas formas marcadas, seja por inscrever-se no dizer como algo que o fissa ainda que não se possa dizer sobre a origem desse exterior que não apresenta marcas. De qualquer forma, como dissemos anteriormente, é no movimento entre as formas da língua e os processos discursivos que é possível (re)construir trajetórias interpretativas, considerando-se esses dois como planos indissociáveis.

Esse caminho é o que estamos procurando fazer, observando, com Guimarães (2005, p. 42), que ao funcionar o nome

[...] recorta um memorável que enquanto passado próprio da temporalidade relaciona um nome a uma pessoa. Não é um sujeito que nomeia, ou refere, nem a expressão, mas o acontecimento, exatamente porque ele constitui seu próprio passado.

Em seu trabalho, o autor discute a questão dos nomes próprios de pessoa e seu modo de funcionamento. Deslocamos, aqui, essa discussão para tratar da expressão em análise, que, em nossa compreensão, produz, de modo similar, esse recorte de um memorável, no sentido de

que, ao ser atualizada, traz consigo “toda sua história de nomeações, renomeações e referências” (*idem*).

Vejam os mais uma forma dessa presença do outro a partir da designação que encontramos em nosso corpus:

- 2) "Nos llamaban la Suiza de América, pero quedamos congelados en el tiempo [...]", señaló Mujica³¹.

No recorte acima, temos uma citação direta de uma fala de Mujica trazida na edição online do jornal *El país*, de 3 de junho de 2013, quando se noticiava a visita do então presidente uruguaio à Espanha. A fala de Mujica, que convidava o velho continente a olhar para a América Latina, é recortada também na composição do título da matéria, em que a relação entre o Uruguai e a Suíça aparece mais uma vez em destaque, numa menção direta à fala do presidente. Diz o título: “Mujica: Uruguay era Suiza, "pero quedamos congelados en el tiempo"”. Marca-se, no texto, portanto, esse exterior que a fala de Mujica representa com relação ao todo da notícia, sendo seu discurso trabalhado como discurso direto. No interior desse fragmento, ou seja, no discurso de Mujica, não há, no entanto, marcação³² para a designação “la Suiza de América”, aludida mais uma vez pelo presidente para falar do seu país. Ainda que sem marcas formais, remete-se aí à voz de *um outro*, que, em nosso caso, temos pensado como um outro tempo-lugar que reaparece nesse dizer o Uruguai. Na fala do

³¹ Disponível em: <http://www.elpais.com.uy/informacion/mujica-uruguay-suiza-america-congelados.html>.

³² Poderíamos trabalhar aqui com a possibilidade de que a ausência de marcação se deve, em alguns casos, ao fato de, nesses textos, aparecerem citações diretas, com fragmentos de um discurso oral. No entanto, o que percebemos é que efetivamente, nas falas do presidente, parece não haver nenhuma necessidade de marcação da expressão para delimitar sua presença como um exterior, em um trabalho de apropriação desse dizer que marca a presença de uma exterioridade que, no entanto, se torna um modo familiar de dizer o Uruguai, em um movimento de efetiva sobreposição entre o nome Uruguai e o que poderíamos chamar de seu atributo.

presidente, essa memória retorna na menção a uma voz indefinida (*Nos llamaban*), impossível de precisar, mas que remete a um tempo passado que justifica a designação. Trata-se de uma menção imprecisa, cuja interpretação, no entanto, embora trabalhe sobre uma impossível reconstrução de sua origem, só faz sentido no jogo entre atualidade e memória.

Nos exemplos 1 e 2, respectivamente de 2015 e 2013, temos um movimento de retomada da expressão em fragmentos de discursos de José Mujica que a coloca como um modo de referir que se situa no passado. Esse Uruguai que era Suíça, que deixou de ser Suíça para ver-se como mais um país latino-americano entre os outros, estagnado em seu crescimento que agora busca recuperar. É interessante notar, no entanto, outros dois movimentos que, no nosso entender, trabalham de modo diverso com essa memória. Vejamos alguns exemplos:

3) Mujica dijo que Uruguay vuelve a ser "la Suiza de América"³³. (28 de dezembro de 2012)

4) "Uruguay, una vez más, 'la Suiza de América'"³⁴ (08 de junho de 2012)

5) "Elecciones en Uruguay, la "Suiza de América"³⁵ (25 de outubro de 2009).

6) Pepe, presidente de Uruguay

"La Suiza de América"³⁶. (22 de fevereiro de 2015)

³³ Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/1541115-mujica-dijo-que-uruguay-vuelve-a-ser-la-suiza-de-america>

³⁴ Disponível em: <http://www.elmundo.es/america/2012/06/08/noticias/1339166721.html>

³⁵ Disponível em: <http://www.dw.com/es/elecciones-en-uruguay-la-suiza-de-am%C3%A9rica/a-4824271>

³⁶ Disponível em: <http://www.jornada.unam.mx/2015/02/22/politica/003n1pol>.

No exemplo 3, a menção à designação “la Suiza de América” aparece entre aspas em uma referência direta à fala do presidente do Uruguai. Trata-se de uma forma marcada, com identificação do enunciador. No entanto, no decorrer do texto, a designação retorna, vinculada ou não à fala de Mujica, mas sempre entre aspas, designando essa forma de empréstimo que, no entanto, vem de lugares diversos, mostrando uma espécie de sobreposição de tempos que esse modo de dizer carrega consigo. Trata-se, portanto, de uma atualização da memória a partir de um trabalho de determinação daquilo que dela se recorta, visto que é no embate entre dois períodos históricos - aquele do governo de José Batlle y Ordóñez e este que está sendo vivido durante os governos da FA - que se situa essa reatualização da memória, colocando em paralelo esses períodos e os movimentos que o caracterizam e entre os quais se podem citar: ampliação da classe média, distribuição de renda, avanços na conquista de direitos civis.

Em seu discurso, Mujica fala desse tempo passado, “aquellos años venturosos”, a que a notícia retoma, circunscrevendo a amplitude significativa do demonstrativo ao identificá-lo ao período do *batillismo*, mostrando mais uma vez que, embora não se possa determinar a origem da expressão em análise, é nesse período que ela se fixa como um modo de dizer o Uruguai, uma forma de designá-lo que o identifica em um lugar de exceção.

Em 4, 5 e 6, novamente temos formas marcadas, que delimitam o espaço do empréstimo, mostrando que há algo exterior que se insere na linearidade do dizer, ou seja, demarcando o lugar do discurso outro que essa designação representa. As aspas, no entanto, nesses casos, não mais referem à fala de um indivíduo que é referido no texto, não sendo,

portanto, fruto de um discurso direto, embora o representem como um dizer outro apesar da indeterminação de sua origem.

Mas, para além das diferenças na forma de apresentação do discurso outro, interessa-nos em particular, aqui, olhar para um trajeto de interpretação que a elas estão vinculados e que são diversos daquele construído em 1 e 2, quando o Uruguai, um dia dito Suíça da América, parecia se deslocar desse imaginário, fazendo dessa uma voz realmente estranha que se rememorava para dela se desprender. Aqui, o discurso outro vem para dizer o que é o Uruguai ou o que volta a ser, aos poucos, ao recuperar-se de um tempo de esquecimento e abandono em que já não mais era possível ostentar o título que lhe era (e parece volta a ser) devido. Essa forma de designação, portanto, não se apresenta mais como um discurso de um passado apenas rememorado; ao contrário, remete a um passado-presente, sempre desejado, desse “tempo venturoso” a que se quer voltar, a que se está voltando, essa Suíça imaginada, do equilíbrio social e econômico, da independência, da prosperidade. Entretanto, na própria forma, encontram-se as marcas que delimitam as fronteiras dessa Suíça “da América”, deixando ver o que aqui também se determina pela ordem do discurso, ou seja, se trata ainda (e sempre) de uma Suíça imaginada que precisa dizer que existe globalmente, provar que será capaz de manter o desejado equilíbrio nesse espaço de turbulências em que está incrustada³⁷.

³⁷ Não foi possível, pela delimitação que fizemos com relação aos recortes de análise, incluir no artigo mais um recorte que nos pareceu muito interessante e que poderá nos levar a outros movimentos de interpretação. Trata-se da inserção, em uma notícia, de 29 de outubro de 2015, da seção de política do Espectador.com do Uruguai, de uma fala do ministro da economia do Uruguai, durante um discurso e uma visita oficial à França: “[Astori] Agregó que el país "volverá a ser la Suiza de América y Suiza será el Uruguay de Europa" (<http://www.espectador.com/politica/325914/astori-en-francia-uruguay-volvera-a-ser-la-suiza-de-america>). Duas questões, pelo menos, nos parecem interessantes de serem exploradas: o futuro que marca a construção, em oposição a uma aparente consolidação dessa condição que vimos nos discursos anteriores; e a inversão da comparação, pela marcação da

O que se traz de volta em “la Suiza de América”, pensando, como dissemos antes, nessa comparação em que se joga com dois nomes próprios, processos de determinação e diferentes momentos de atualização, são camadas de memória que trabalham na sedimentação de um sentido, ou, melhor dizendo, um desejo que nunca acaba de produzir sentidos, aquele de voltar a ser Suíça. Esse desejo, ora situado como uma voz *outra* da qual o sujeito parece se afastar, ora revitalizado em toda sua força para dizer do futuro que se está a construir, mantém viva uma direção do olhar inscrita na própria formulação da expressão e redimensionada em suas atualizações: falamos, ainda, de um lugar de latino-americanos desejantes de vir a ser Europa enquanto promessa de prosperidade, de bem estar, de justiça social; uma vez mais, o trabalho de um imaginário que insiste em retornar no dizer.

5 Considerações finais

Nesse trabalho, refletimos sobre as formas de modalização autonímica de empréstimo, em sua relação com a memória discursiva, a partir dos recortes em análise. Não se trata de um trabalho comparativo entre línguas - embora tenhamos um *corpus* em português e outro em espanhol - mas de um movimento teórico-analítico sobre esses recortes no sentido de ampliar nossas reflexões em torno das discussões acerca da representação do discurso outro, pensadas aqui a partir do diálogo com os trabalhos de Análise do Discurso.

possibilidade de que o país europeu venha a considerar-se o Uruguai da Europa, marcando um deslocamento de lugares em que é possível ao *'paisito'* vir a ser modelo para o velho continente.

Procuramos, para tanto, lançar um olhar especialmente sobre o que Authier-Revuz (2015) nos traz em seu trabalho acerca dos modos de representação do discurso outro, pensados como forma de articulação entre as heterogeneidades representada e constitutiva do discurso. Ao olharmos para a *modalização autonímica de empréstimo*, tanto em sua forma marcada (aspas), como em sua forma não marcada (aquela da alusão interdiscursiva em que somos colocados numa zona limítrofe entre os dois tipos de heterogeneidade), fizemos uma incursão entre os planos da forma e do discurso. Pensamos, nesse trabalho, portanto, sobre as diferentes formas pelas quais se costura, no fio do discurso *um*, esse discurso *outro*, que, deixando ou não marcas visíveis de sua estrangeiridade, provoca uma fissura no dizer. Essa brecha deixada no corpo do discurso convoca o sujeito à interpretação e, nesse sentido, há sempre uma memória trabalhando em todo dizer, porque é no movimento de recortar a memória que os discursos vão se configurando, encontrando as amarras para os efeitos de sentido que a partir deles se produzem, determinando os dizeres.

Nas palavras de Pêcheux, há um metadiscorso do sentido que atravessa todo dizer e sobre o qual o analista precisa se perguntar, ao questionar o próprio estatuto do sujeito enunciador, que também se vê determinado pela língua, a qual o expõe ao deixar pistas do seu modo de transitar pelas memórias. Trata-se do funcionamento do interdiscurso, que afeta tanto a produção como a interpretação dos discursos de forma dissimétrica e desigual. Por isso, aproximamo-nos, neste texto, do que Authier-Revuz (2007) designa como *heterogeneidade radical*, a qual afeta sujeitos e discursos, no sentido de

que toda unidade é fruto de um trabalho de delimitação que se faz a partir de uma exterioridade que configura o um.

Essas questões, portanto, constituíram os fundamentos teóricos a partir dos quais analisamos o nosso *corpus*, que foi composto por dois recortes distintos: 1) pelas retomadas que se produziram em torno do enunciado “Não vamos desistir do Brasil”, produzido pelo então candidato à Presidência do Brasil, Eduardo Campos; 2) pelas retomadas da designação “Suíza de América”, presente em discursos de e sobre Mujica, os quais foram tomados em retrospectiva, a partir de sua despedida da presidência do Uruguai.

A tragicidade do evento de que fez parte e o momento histórico vivido pelo país talvez sejam os maiores impulsionadores da enorme produtividade do enunciado “Não vamos desistir do Brasil”. Nos mais diferentes espaços, esse enunciado é lido, repetido, recortado, reformulado inúmeras vezes, graças à sua natureza profundamente opaca, como procuramos mostrar. Assim, abrindo brechas na materialidade, ele se presta à reformulação, ao movimento dos sentidos, ao trabalho da memória. No jogo de (re)apropriação, formas marcadas e não marcadas podem caracterizar o modo como se dá a presença desse discurso outro que ora vê ressaltada a sua autoria, ora aparece como fala de todos (e de ninguém), sem que, no entanto, se consiga apagar dessa forma material a memória que a atravessa. Uma enorme dispersão, portanto, caracteriza seu modo de funcionamento, apontando, apesar disso e contraditoriamente, para um direcionamento dos sentidos a partir de sua apropriação nesses discursos: o da oposição à candidatura, em um primeiro momento, e ao governo Dilma, quando confirmada a vitória da candidata.

Se, no caso de Campos, tínhamos um enunciado datado, cuja autoria poderia ser facilmente recuperada, no caso da expressão “*la Suiza de América*”, vamos justamente nos defrontar com a impossibilidade da identificação de uma origem ou uma autoria para essa forma de falar sobre o Uruguai. Entendemos, no entanto, que, ainda assim, se pode falar de um discurso outro, reatualizado mediante formas de empréstimo marcadas ou não, que colocam em jogo modos de recortar a memória discursiva e os efeitos discursivos por ela produzidos. Pensamos a expressão “*la Suiza de América*”, nesse trabalho, como uma designação por meio da qual se produz um certo movimento de estabilização nesse dizer o Uruguai - um movimento de saturação que se produz no jogo entre a formulação e a memória que ela atualiza. Porém, como observamos nas nossas análises, no interior das formulações, esses sentidos vão sendo levemente deslocados a partir de uma relação entre essa forma de dizer e a temporalidade que sobre ela se constrói: numa relação entre um passado-presente-futuro, vemos um Uruguai que foi Suíça, que, em determinado momento, é novamente Suíça; mas, especialmente, vemos um “desejar ser” funcionando nesse recorte da memória que não cessa de produzir sentidos, fazendo trabalhar um imaginário sobre o que é ser essa “Suíza” determinada por seu pertencimento (de América).

Por fim, interessa destacar, a partir das análises, que, tanto no *corpus* em espanhol como no em português, embora tenhamos trabalhado com diferentes formulações, observamos um trabalho muito forte da memória discursiva, a qual atravessa – e porque não dizer constitui – os discursos analisados. Com isso, concluímos o quão importante é o papel da memória na representação do discurso outro,

tanto em suas formas marcadas como não marcadas. Por isso, os limites que marcam as fronteiras do discurso um e do discurso outro são tênues, escorregadios, fazem os sentidos deslizar, resvalar, tornar-se outro e voltar a ser um, num constante movimento entre a repetição e o deslocamento.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. Nos riscos da alusão. Trad. Bras. de VAZ, A.E.M; CUNHA, D.A.C. In: *Investigações*. Vol. 20, nº 2, 2007, p. 9-46.

_____. A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo. Trad. Bras. de COSTA E SILVA, H.; CUNHA, D.A.C. *Investigações*. Vol. 28, Número Especial, 2015, p. 1-39.

COURTINE, J-J. [1981] *Análise do Discurso Político: o discurso, comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: Edufscar, 2009.

GARCÉ, A. Uruguay 2009: de Tabaré Vázquez a José Mujica. *Revista de Ciencia Política*. Vol, 30, n. 2, 2010, p. 499-535.

GUIMARÃES, E. *Semântica do acontecimento*. Campinas: Pontes, 2005.

INDURSKY, F. [1997] Da determinação à sobredeterminação. In: _____. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 190-238.

LONDEI, D. et al. Les sens de l'événement. In: LONDEI, D. et al. (Éds.). *Dire l'événement: langage mémoire société*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2013, p. 11-20.

MARCO ANTONIO, S. M. *¿Desenmascarar la Suiza de América? Inventando a los Tupamaros de los 60*. Universidad Autónoma de Méjico. Facultad de Filosofía y Letras. 2013. Disponível em: http://www.cedema.org/uploads/Sandoval_Mercado-2013.pdf.

MOREIRA, C. De la “Suiza de América” al “paisito”: escenarios y prospectivas del Uruguay en la tercera ola de la democracia. *PAPEP*, 2007. Disponível em: http://papep-undp.org/sites/default/files/user/uruguay-de_la_suiza_de_america_al_paisito_moreira_octubre_2006.pdf

PÊCHEUX, M. [1969]. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET & HAK (org.). *Por uma análise automática do discurso*. 3ª ed., Campinas: Ed. da Unicamp, 1997, p. 61 - 161.

_____. [1975]. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2ª ed., Campinas: Ed. da Unicamp, 1995.

_____. [1983a] Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (org.). *Papel da memória*. Campinas/São Paulo: Pontes, 1999, p. 49 – 57.

_____. [1983b] *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Bras. de ORLANDI, E. 2ª ed., Campinas, SP: Pontes editores, 1997.

_____. [1984]. Especificidade de uma disciplina de interpretação. (A Análise do Discurso na França). In: PÊCHEUX, M. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Textos selecionados por Eni Orlandi. 2ª Ed., Campinas, SP: Pontes editores, 2011, p. 227 – 230.

_____. [1990] Leitura e memória: projeto de pesquisa. In: PÊCHEUX, M. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Textos selecionados por Eni Orlandi. 2ª Ed., Campinas, SP: Pontes editores, 2011, p. 141 – 150.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3ª ed., Campinas, SP: Pontes, 2001.

ZOPPI-FONTANA, M. Identidades (in)formales. Contradicción, procesos de designación y de subjetivación en la diferencia. *Versión*, nº 14, UAM-X, México, 2005, p. 13-57. Disponível em: [http://version.xoc.uam.mx/MostrarPDF.php?id_host=6&tipo=ARTICULO&id=1818&archivo=7-127-1818ppe.pdf&titulo=Identidades%20\(in\)formales](http://version.xoc.uam.mx/MostrarPDF.php?id_host=6&tipo=ARTICULO&id=1818&archivo=7-127-1818ppe.pdf&titulo=Identidades%20(in)formales)

Recebido em 20/12/2015. Aprovado em 29/12/2015.